



O DESAFIO DA ESPERANÇA: PARA UMA VISÃO ANTROPOLÓGICA¹

José Henrique Silveira de Brito*

O texto, depois de apontar algumas razões justificativas das dificuldades de hoje falar da esperança, mostra como a esperança é constitutiva do ser humano, distingue-a do esperar e da previsão, articula-a com a esperança e mostra como o seu objecto é o *sumo bem*.

Emanuel Kant (1724-1804), um dos pensadores mais significativos da História da Filosofia, na Introdução à *Lógica*, diz que a Filosofia visa responder a quatro questões: «Que posso saber?», «Que devo fazer?», «Que me é permitido esperar?» e «O que é o homem?». Segundo o filósofo de Königsberg, à primeira, responde a *metafísica*; à segunda, a *moral*; à terceira, a *religião*, e à quarta a *antropologia*, mas logo acrescenta que esta última reúne as outras três². Ou seja, segundo Kant, a antropologia sintetiza a três perguntas e deve reunir as outras três ciências, o que significa que para ele a esperança está intrinsecamente ligada ao ser humano. A esperança é constitutiva do ser humano.

Comentando esta posição, o pensador espanhol Pedro Laín Entrago (1908-2001), autor de uma famosa obra sobre a esperança, com o título *La espera y la esperanza. Historia y Teoria del esperar humano*, considera que para Kant «o homem é um ser que, por imperativo da sua constituição ontológica, necessita saber, fazer e esperar», e acrescenta: «Um homem sem esperança seria um absurdo metafísico, como [seria] um homem sem inteligência ou sem actividade»³.

Deve reconhecer-se, contudo, como uma vez ouvi ao filósofo belga, Jean Ladrière (1921-2007), que hoje o tema da esperança é um dos de mais difícil abordagem, porque o ser humano tem dificuldade em compreender o que é a esperança e vivê-la. Para começar a nossa reflexão, tentemos compreender esta dificuldade. Em primeiro lugar, o homem contemporâneo hipervaloriza o tempo presente, não sabe esperar, tem enormes dificuldades em, por exemplo, aceitar a compensação diferida. Ora, a esperança não aponta para o imediato; ela implica o tempo futuro, a esperança implica esperar pelo porvir. É difícil falar hoje de esperança, porque na cultura contemporânea o tempo está reduzido ao presente e a esperança aponta para o futuro. Para o homem contemporâneo, o futuro pode esperar, vivamos o momento que temos nas mãos: o sucesso rápido, a vivência do imediato, porque é isto que conta.

¹ Este texto serviu de base à conferência pronunciada no XXI Encontro Nacional da Pastoral da Saúde, que decorreu em Fátima de 2 a 5 de Dezembro de 2008, subordinado ao tema “Dimensão terapêutica da Espiritualidade”. Está publicado na revista *Brotéria. Cristianismo e Cultura*. 168(2009), pp. 155-164.

* Professor de Ética na Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa.

² KANT, E. - *Logique*, trad. de l'allemand par L. Guillermit, Paris, Vrin, 1966, p. 25. Há uma passagem paralela na *Crítica da Razão Pura*, em que o autor formula apenas as três primeiras perguntas (A, 804-805; B, 832-833).

³ LAÍN ENTRALGO, Pedro - *La espera y la esperanza. Historia y Teoria del esperar humano*. Madrid: Revista de Occidente, 1957, p. 14.

Em segundo lugar, a cultura contemporânea está dominada pelo conhecimento científico e pelo impacto da tecnologia, pelo que os esquemas de pensamento próprios da tecnociência marcam os modos de pensar dominantes da nossa cultura: o homem contemporâneo pensa procurando estabelecer relações de causalidade, relações de meios-fins ou regularidades. Por outro lado, a tecnociência alimenta a convicção de que, graças a ela, está na sua mão conseguir tudo aquilo a que aspiram as pessoas⁴. Ora, o objecto da esperança, como veremos, é de uma natureza distinta dos objectos do pensamento científico; ter esperança é admitir que o tempo pode trazer algo de novo ao saber e à experiência já consagrada⁵; a esperança implica esperar por aquilo que pode não acontecer, ela implica uma certa criatividade no mundo. Como muito bem nota Gabriel Marcel (1889-1973), a esperança é estranha a expressões tais como “a experiência tem mostrado que...” ou “a experiência não tem mostrado que...”⁶. A esperança não aponta para o necessário, mas para o possível. O modo de pensar próprio das ciências está dominado pela necessidade. Como diz Paul Ricoeur (1913-2005), «a esperança é diametralmente oposta, enquanto paixão pelo possível, a este primado da necessidade. Ela tem ligação com a imaginação, enquanto esta é a capacidade do possível, e a disposição do ser ao radicalmente novo»⁷. Quem espera não raciocina em termos de causalidade nem da relação meios-fins; quem espera diz: o fim será encontrado⁸. A esperança é uma conversão ao futuro.

Em terceiro lugar, quanto às dificuldades de pensar a esperança, e de novo com Marcel: hoje mais do que o ser, valorizamos o ter e, quanto mais nos concentramos no ter, mais incapazes seremos de ter esperança⁹.

Apesar das dificuldades referidas, tentemos pensar a esperança. Começaremos por mostrar que ela é constitutiva do ser humano. Clarificaremos, depois, o que é a esperança, fazendo a distinção entre espera, esperança e previsão, e a articulação entre esperança e confiança. Terminaremos a nossa comunicação mostrando como a análise antropológica da esperança abre para a reflexão teológica.

Começemos por analisar o conceito esperança. É um termo utilizado em múltiplas formulações e em muitos dos seus usos significa «uma espera num contexto de incerteza»¹⁰. A espera envolve um desejo de que as coisas se passem de uma certa maneira e em que se faz uma espécie de aposta num certo evoluir das coisas de acordo com os nossos desejos. Essa incerteza pode ter a ver com a imprevisibilidade própria do curso das coisas humanas, uma vez que o seu desenrolar depende de múltiplos factores sobre os quais não temos qualquer poder, pelo que o que acontece parece estar entregue ao destino. Uma outra razão da incerteza tem a ver com o comportamento futuro dos agentes humanos, sobre as suas decisões individuais ou colectivas, sobre as quais também não temos capacidade de controlo. É por isso que se afirma que a esperança diz respeito a bens árduos ou

⁴ Ideia sugerida pelo Prof. Roque Cabral.

⁵ MARCEL, Gabriel - *Homo viator : prolégomènes à une métaphysique de l'espérance*. Postface de Pierre Colin. Paris: Association Présence de Gabriel Marcel, 1998, p. 67.

⁶ MARCEL, Gabriel - *Homo viator*, p. 65.

⁷ RICOEUR, Paul (1969) - *Le conflit des interprétations. Essais d'herméneutique*. Paris: Éditions du Seuil, p. 399.

⁸ MARCEL, Gabriel - *Homo viator*, p. 66.

⁹ MARCEL, Gabriel - *Homo viator*, p. 78.

¹⁰ LADRIÈRE, Jean - «Peut-on penser philosophiquement l'espérance de la raison». ID - *L'espérance de la raison*. Louvain-la-Neuve/Louvain - Paris: Éditions de l'Institut Supérieur de Philosophie/Éditions Peeters, 2004, p. 268.

díficeis¹¹, porque não dependem apenas da vontade de quem espera, mas também dependem das circunstâncias ou da vontade de outros, o que a torna de alguma maneira incerta e falível. A esperança é um *bonum arduum*.

Como esta análise sugere, o ser humano não é um ser acabado; tem como marca específica a sua incompletude que, contudo, procura ultrapassar escolhendo o que o realiza. O ser humano autoconstrói-se, o que se pode formular nestes outros termos: o homem é um ser moral e é nessa especificidade humana que assenta a constituição ontológica da esperança. Ser moral é procurar a vida boa, a vida feliz, a vida realizada e uma vida boa é uma vida em que todas as suas dimensões se integram num todo harmonioso, como fim a atingir no viver que abre o ser humano ao futuro, que será pura positividade. «Na sua maior amplitude, diz Ladrière, a esperança é sem dúvida um esperar desejante de uma tal forma de vida, na qual a contingência da existência se encontraria reconciliada com o absoluto de que ela traz em si o pressentimento. [...] A esperança da vida feliz»¹². É neste sentido que Stanislas Breton (1912-2005) afirma que «a esperança, na sua acepção mais estrita, visa um acabamento (*achèvement*), uma consumação das coisas que a linguagem religiosa designa por “fins últimos”»¹³. O nosso apetite de felicidade projecta-nos para a transcendência, uma vez que ser feliz é ser sempre e plenamente. Esperamos sempre o sumo bem¹⁴, dado que os bens particulares não preenchem o desejo do homem. A esperança aparece fazendo parte da estrutura do ser humano, um ser finito, inteligente, temporal, limitado, que não se conforma com a sua finitude e cujo futuro é imprevisível, pelo que está marcado ontologicamente pela espera. Logo, viver humanamente é esperar.

O ser humano é um ser lançado para o futuro e nada no homem escapa a esta dimensão¹⁵. Como ser temporal, a espera é constitutiva do ser humano. Ela pode variar de pessoa para pessoa, tem raízes biológicas, está condicionada pelo meio físico e cultural, mas está sempre presente. O ser humano não pode deixar de esperar; este é o ponto de partida. Numa expressão com sabor kantiano: a esperança é um *faktum* que Gabriel Marcel considera ser para a alma como a respiração é para o ser vivo¹⁶. É por tudo isto que uma filosofia da esperança se coloca sob o signo de uma hermenêutica do tempo, fundamento de uma ontologia do devir e da mudança, em que o ser não está determinado estatisticamente, mas tem como característica basilar uma contínua tensão dinâmica para um ser para lá de si. A esperança só é pensável num ser concebido como um processo aberto, sempre inacabado, com infinitas possibilidades, que ainda não estão realizadas, e em que a categoria do “possível” constitui o seu âmago¹⁷.

Até agora utilizámos indistintamente os termos espera e esperança. Será que são sinónimos? Efectivamente não. No idioma de Camões temos as palavras espera e esperança. O verbo esperar tem, pelo menos, dois sentidos: pode significar “aguardar”, “estar à espera” ou significar “ter

¹¹ FREITAS, Manuel da Costa – «Esperança». *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Vol. 2. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1990, cols. 228 ; cf. SCHUMACHER, Bernard - «Espérance». CANTO-SPERBER, Monique (sous la dir.) - *Dictionnaire d'éthique et de philosophie morale*. T. 1. 1^{re} ed. Quadrige. Paris: P.U.F., 2004, p. 679.

¹² LADRIÈRE, Jean - «Peut-on penser philosophiquement l'esperance de la raison», p. 283.

¹³ BRETON, Stanislas - «Le thème de l'espérance et la réflexion philosophique». *Savoir, faire, espérer. Les limites de la raison* 1. Bruxelles: Facultés Universitaires Saint-Louis, 1976, p. 49.

¹⁴ LAÍN ENTRALGO, Pedro - *La espera y la esperanza*, p. 554.

¹⁵ LAÍN ENTRALGO, Pedro - *La espera y la esperanza*, p. 558.

¹⁶ MARCEL, Gabriel - *Homo viator*, p. 10.

¹⁷ SCHUMACHER, Bernard - «Espérance», p. 677.

esperança". É no primeiro sentido que se fala de "sala de espera" para designar a sala onde se aguarda, e o segundo sentido encontramos-lo na expressão popular "quem espera sempre alcança"; curiosamente, e como observou André Gide, a "sala de espera" de um consultório médico é, simultaneamente, sala de aguardar e sala de esperanças¹⁸.

Em francês esta distinção é feita com os termos "espoir" e "esperance". Tal como o seu equivalente em português "espera", quando se fala de "espoir" referimo-nos aos bens finitos, aos fins intermédios que nos levam ao "sumo bem", objecto da nossa esperança. O objecto da espera (espoir) toma formas distintas ao longo do tempo, conforme o lugar, as circunstâncias e o desenvolvimento das pessoas. Alguns autores designam espera por «esperança concreta» e a esperança por «esperança constitutiva»¹⁹. O objecto da esperança, cuja forma está sempre encoberta, é desconhecido, é único e sempre idêntico por essência, é totalizante e final. Grande parte dos filósofos contemporâneos identificam esse objecto da esperança com a realização da pessoa e o apaziguamento pleno da pessoa e/ou da comunidade²⁰. Classicamente é designado por "sumo bem". Todos estes termos são derivados do latim, *spes (sperare)*,

Esta distinção é importante porque nos permite compreender melhor a relação entre os objectos finitos no nosso esperar e o sumo bem, objecto da nossa esperança, e também nos permite reflectir sobre a articulação que deve existir entre os primeiros e a segunda. No nosso tempo, o que muitas vezes acontece é confundirmos o sumo bem, objecto da esperança, com os objectos finitos, objectos da espera, de tal modo que temos a nossa espera tão preenchida por esses objectos que já não sabemos nem temos espaço para procurar o fim último, o sumo bem, onde devemos colocar a nossa esperança.

Passemos agora às distinções entre esperança, previsão e confiança. Ao falar da esperança da razão, Jean Ladrière diz que há que distinguir entre esperança e previsão, e espera e confiança. Mas o que ele diz dessa esperança pode dizer-se da esperança em geral.

Há que distinguir entre esperança e previsão. Enquanto esta, a previsão, é uma mera antecipação, a esperança vai mais longe porque vai directamente ao termo, à realização ou plenitude. Assim, ela coloca-se num domínio em que não há garantias. A esperança é um abandono ao dom. Ela implica a capacidade de sair de si, de se relacionar com a alteridade do dom e daquele que o dá; ela é a subordinação a uma alteridade. A antecipação está marcada por uma previsão assente numa relação de causa a efeito e meios-fins que permite certezas estranhas à esperança, pois que esta está sempre marcada por um certo grau de incerteza, ou melhor, a certeza da esperança não é da natureza da certeza do saber de experiência feito; a esperança «está ligada à trama de uma experiência em formação ou, numa outra linguagem, a uma aventura em curso»²¹. Como diz Bernard Schumacher: «A certeza da esperança fundamental enraíza-se na inclinação natural da vontade humana para a posse do *summum bonum* – compreendido de diversas maneiras –, assim como numa metafísica do ser e do bem, implicando uma confiança original no ser, uma aquiescência à totalidade da realidade, na qual o amor, o dom e a fidelidade jogam papéis primordiais. A esperança humana, além disso, pressupõe um desejo cuja actualização, a saber a posse do objecto, é possível. Ela é também acompanhada de espera (attente) que está sempre orientada para uma possibilidade que deve ou que

¹⁸ LAÍN ENTRALGO, Pedro - *La espera y la esperanza*, p. 13.

¹⁹ FREITAS, Manuel da Costa- «Esperança», cols. 227-228.

²⁰ SCHUMACHER, Bernard - «Espérance», p. 678.

²¹ MARCEL, Gabriel - *Homo Viator*, p. 66.

deveria concretizar-se num futuro mais ou menos próximo e que pode ser boa, má ou indiferente. Segundo o seu valor, diversas emoções vêm aí inserir-se, como a da alegria, a do medo ou a da angústia»²².

Há, também, que reflectir sobre a articulação entre a esperança e a confiança. O homem esperançado é aquele que desce à simplicidade radical do seu ser pessoal e consegue descobrir aí que a sua espera é fiança, que ele quer elevar à confiança²³. A esperança é uma forma radical da confiança que vai mais longe que o "fiar-se", que acompanha a vida quotidiana, porque a esperança assume, de alguma maneira, o indeterminado de um porvir escondido num horizonte, cuja distância é indefinida. Esta confiança implica que nada é em vão, que a fonte donde brota a segurança que ela procura não se fixa num instante, mas transcende o devir do tempo. É uma confiança consequente consigo mesma, não por ela própria, mas por aqueles que recebem o dom em virtude de uma espécie de pacto que ela instaura por pura gratuidade. A confiança própria da esperança implica, deste modo, o reconhecimento de uma certa fidelidade. Ora, como diz Jean Ladrière, a fidelidade é o dom contínuo e, portanto, o acordo do dom consigo mesmo, confirmando pela sua continuidade a sua realidade e a sua autenticidade. A esperança, nesta confiança, sabe que se confia a uma benevolência (*bienveillance*), o que é um aspecto essencial do dom. «Implica a generosidade, como a gratuidade, mas acrescentando-lhe a solicitude, o cuidado pelo ser do outro, a vontade de que nada pode ser perdido, que seja ao contrário assegurada a perseverança e o crescimento no ser. A esperança recolhe-se no reconhecimento da benevolência. A razão extrai daí a força da iniciativa, deste esforço que a leva sempre de novo para lá do imediato»²⁴.

Como diz Lain Entralgo, «a esperança é uma espera confiada»²⁵, isto é a espera e a confiança são elementos da estrutura do ser humano enquanto ser de esperança, ser esperançoso. É por isto que o autor diz: «Quando eu "creio" que me é possível o que a minha espera vital deseja e pretende, essa crença é a minha confiança. O homem confiado é aquele que, sem minguagem das previsões e cautelas a que o seu "bom sentido" o conduz, com crença no contexto da sua vida, aceita a pretensão de continuar sendo que palpita no próprio fundo do seu ser»²⁶. A esperança implica sempre um certo grau de incerteza; a segurança absoluta quanto a alcançar o objecto desejado não é própria da esperança, mas, sim, do saber. A esperança é sempre acompanhada de um mínimo de certeza, de segurança e de confiança na possibilidade real de que o seu objecto será alcançado, atingido. A incerteza, quanto à possibilidade de alcançar o objecto da esperança, pode dever-se a factores extrínsecos ou intrínsecos ao sujeito, cujas raízes são a incerteza existencial e a liberdade humana. A esperança, que implica um certo risco, exprime-se por um salto no vazio e por uma atitude de confiança. Essa confiança de que o objecto da esperança será alcançado é fundamental. A esperança implica risco e implica arriscar, implica uma atitude de crença de que se conseguirá atingir o objecto de esperança. A esperança não é um calculismo; ela implica a ultrapassagem do racionalismo calculista e uma aposta numa sobre-racionalidade; «ela constitui uma resposta ao ser, um abandono confiante absoluto que não põe qualquer condição, qualquer limite, e que se apoia numa ontologia da interpessoalidade»²⁷.

²² SCHUMACHER, Bernard - «Espérance», p. 679.

²³ LAÍN ENTRALGO, Pedro - *La espera y la esperanza*, p. 542.

²⁴ LADRIÈRE, Jean - «Peut-on penser philosophiquement l'esperance de la raison», p. 282.

²⁵ LAÍN ENTRALGO, Pedro - *La espera y la esperanza*, p. 546.

²⁶ LAÍN ENTRALGO, Pedro - *La espera y la esperanza*, p. 549.

²⁷ SCHUMACHER, Bernard - «Espérance», p. 679.

Mas qual é o objecto da esperança? Dissemos que as coisas finitas são os objectos da nossa espera e que a nossa realização, o "sumo bem", é objecto da nossa esperança. Mas o que vem a ser esse "sumo bem"? Como já foi dito, ele é compreendido de diversas maneiras; tudo o que o ser humano autenticamente espera é a sua versão do "sumo bem". Quem se quer realizar, espera o sumo bem. E todo o bem que o homem espera está relacionado com o "sumo bem" e aqui está sempre presente a morte. Não é que a esperança seja esperança porque nos coloca perante a morte, mas sem a vizinhança da morte, não há esperança autêntica²⁸: a precariedade que a morte testemunha dá à esperança a característica de incerteza que lhe é própria.

O objecto da esperança, o "sumo bem", está, ao mesmo tempo, separado e presente nas mediações ligadas à espera que para ele nos encaminham. Esse caminhar, por sua vez, é um percurso criativo. Retomando o pensamento de Ladrière, o *eschaton* (o objecto da esperança) atrai e suscita a criatividade. É na realização do percurso a caminho do *eschaton* que pode intervir o termo "esperança": «o *eschaton* da razão dá-se-lhe nesse momento à maneira de alguma coisa que se pode esperar. Neste termo estão evocadas, ao mesmo tempo, a espera, a incerteza e a confiança por virtude das quais a razão em acção está sempre antes dela mesma, nesta tensão que a leva para a integridade da sua manifestação»²⁹. A esperança é o que há-de vir (Zu-Kunft). A esperança é um desejo perifrástico (passado e futuro).

Até agora falámos da esperança e nada dissemos da desesperança, do desespero. Ora não se pode falar de uma e esquecer a outra. Começemos por defini-las em contraponto com Pedro Laín Entrago que chama «esperança a um hábito da segunda natureza humana do homem, em virtude do qual este confia de modo mais ou menos firme na realização das possibilidades do ser que pede e oferece a sua espera vital: e desesperança, ao hábito oposto, consistindo em desconfiar, de modo mais ou menos extremo, de alcançar o ser para o qual a espera tende. Nem a esperança é uma "segurança positiva" de alcançar o que se espera, nem a desesperança pode ser nunca "segurança negativa" a respeito desse alcançar; uma e outra são formas da tensão "segurança-insegurança", mais segura aquela, mais insegura esta»³⁰.

Devemos reconhecer que a não esperança parece ser uma marca do homem moderno, o que o leva ao desespero. Se, por um lado, o coração do homem tem a marca da espera, por outro, esse coração não pode livrar-se de sentir a tensa coexistência da confiança e da ansiedade. A falta de confiança daquele que espera leva ao desespero que não é um esperar nada, mas um esperar temendo que será nada aquilo que se espera. Se é verdade, como dissemos, que o ser humano tem uma fiança que transforma em confiança, o actual contexto dificulta essa passagem. O homem não confia em si nem nos outros e, por isso, não sabe o que esperar. Segundo alguns o niilismo, as tragédias históricas, os regimes totalitários e Auschwitz como o ícone do ódio do homem pelo homem, a história da colonização e da descolonização, o terror nuclear, a fome e a miséria material e moral reduziram a nada o princípio da esperança e, por isso, muitas vezes esta é vista como uma bela ideia sem qualquer correspondência na realidade. Isto é, muitos vêem na esperança uma mera consolação psicológica³¹. Além de tudo isto, e mais poderosamente que tudo isto, ao pensar a esperança confrontamo-nos com a questão da morte, como já referimos, o que obriga a formular a pergunta

²⁸ LAÍN ENTRALGO, Pedro - *La espera y la esperanza*, p. 527.

²⁹ LADRIÈRE, Jean - «Peut-on penser philosophiquement l'esperance de la raison», p. 277.

³⁰ LAÍN ENTRALGO, Pedro - *La espera y la esperanza*, pp. 544-545.

³¹ SCHUMACHER, Bernard - «Espérance», p. 677.

seguinte: como articular a esperança fundamental com a morte, que no dizer de Lévinas é «a impossibilidade de toda a possibilidade»³², fim de todos os projectos, malogro total que suprime o futuro? A esperança tem como objectivo final a realização plena do ser humano e da sociedade, mas, para o homem contemporâneo, a morte é encarada a maior parte das vezes como o termo final da vida e a barreira intransponível para essa realização. Será a esperança uma ilusão? Como pergunta Bernard Schumacher: «O Dasein é um *ser-para-a-morte* ou um *ser-para-a-esperança*?»³³ Diante a morte, haverá legitimidade para a esperança ou mesmo para o desespero, uma vez que este é, em tom negativo, simétrico da primeira? O autor acrescenta: «Uma resposta possível é sustentar que a razão da esperança fundamental se enraíza num consentimento acompanhado de amor, de disponibilidade e de confiança para com a pessoa, a totalidade da realidade, o ser que é ontologicamente anterior ao nada e intrinsecamente bom, e que a situação intolerável em que se reencontra o sujeito não pode ser definitiva e deve comportar uma saída»³⁴. Essa via pode até ser justificada pela existência de um Deus Criador e, além disso, sugere que a desesperança e o desespero se identificam com a solidão. A esperança não é separável do amor, da concepção do ser humano como ser de relação, como considera Marcel³⁵. A esperança só existe ao nível do “nós” e por isso não se confunde com a ambição³⁶. Como certamente diz Laín Entralgo: O sujeito que espera não está só: o objecto esperado é compartilhado e a existência de quem espera é coexistência. Existir é co-existir; o meu amor pelos homens faz-me esperar com eles. Através de cada ser humano espera o mundo inteiro³⁷.

BIBLIOGRAFIA:

BRETON, Stanislas - «Le thème de l'espérance et la réflexion philosophique». *Savoir, faire, espérer. Les limites de la raison* 1. Bruxelles: Facultés Universitaires Saint-Louis, 1976, pp. 43-62.

FREITAS, Manuel da Costa- «Esperança». *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Vol. 2. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1990, Cols. 227-233.

MARCEL, Gabriel - *Homo viator : prolégomènes à une métaphysique de l'espérance*. Postface de Pierre Colin. Paris: Association Présence de Gabriel Marcel, 1998.

LADRIÈRE, Jean - «Peut-on penser philosophiquement l'espérance de la raison». ID - *L'espérance de la raison*. Louvain-la-Neuve/Louvain - Paris: Éditions de l'Institut Supérieur de Philosophie/Éditions Peeters, 2004.

LAÍN ENTRALGO, Pedro - *La espera y la esperanza. Historia y Teoría de esperar humano*. Madrid: Revista de Occidente, 1957.

LÉVINAS, E. - *Totalité et Infini. Essai sur l'extériorité*. La Haye : Martinus Nijhoff, 1961.

RICOEUR, Paul - *Le conflit des interprétations. Essais d'herméneutique*. Paris: Éditions du Seuil, 1969.

SCHUMACHER, Bernard - «Espérance». CANTO-SPERBER, Monique (sous la dir.) - *Dictionnaire d'éthique et de philosophie morale*. T. 1. 1^a ed. Quadrige. Paris: P.U.F., 2004, pp. 677-681.

³² LÉVINAS, E. - *Totalité et Infini. Essai sur l'extériorité*. La Haye : Martinus Nijhoff, 1961, p. 212.

³³ SCHUMACHER, Bernard - «Espérance», p. 680.

³⁴ SCHUMACHER, Bernard - «Espérance», p. 680.

³⁵ MARCEL, Gabriel - *Homo viator*, p. 75.

³⁶ MARCEL, Gabriel - *Homo viator*, p. 9; SCHUMACHER, Bernard - «Espérance», p. 679.

³⁷ LAÍN ENTRALGO, Pedro - *La espera y la esperanza*, pp. 561-562.